

Esta é uma coleção de nossas notas sobre como seguir adiante, mudar, questionar, fazer diferente. Ensaiai sobre o mundo de dentro e ao nosso redor. Uma caminhada íntima em uma paisagem desconfortável de nossos pensamentos, sentimentos e ações. Tocando cuidadosamente no que a colaboração é para nós, abrimos uma porta para o que está por vir, e você é bem-vindo para espiar.

Dê uma volta por nossa experiência e clique para as cenas que compartilhamos.

Joana Quiroga &
Sunčica Pasuljević Kandić

... Exercício de cura ...

"Como podemos escapar da racionalização com a qual explicamos e navegamos neste mundo que nos trouxe até aqui, [Brădet](#) ... Intersectia? Como podemos tentar nos comunicar, conosco e com a terra? Podemos encontrar maneiras de curar e seguir em frente? E como fazemos isso coletivamente?" Essas eram algumas das tantas perguntas que tínhamos na mente.

Eu não sabia como seria quando falamos sobre trabalhar juntas. Ainda mais em um lugar desconhecido para nós duas. Eu sabia que Sunčica iria trazer muitas perguntas, eu sabia que minha amiga não estava bem. Com o que talvez não tivesse me preocupado tanto era que quem não estava bem também era eu.

Cada caminhada é o início de uma nova [jornada](#). Caminhamos seguindo os passos de Christina. Ela generosamente usou seu domingo para nos mostrar os arredores, garotas da cidade, com pretensões selvagens. Fomos pela grama selvagem, observando e obtendo apenas um pouquinho de seu conhecimento. Cada planta tinha algo a dizer. Mas o que estavam dizendo? Compreender os campos, bosques e nós no meio de tudo. Christina parecia entender tudo.

Flores amarelas são colhidas através da grama selvagem. É "Sunătoare", [Hypericum perforatum - St. John's Wort](#), [Erva de São-João](#), [Кантарион](#). O buquê formado nas mãos faz com que Sunătoare domine a vista sobre a paisagem. Fez muito sentido. E então nos lembramos de que começamos essa jornada não apenas entrando na "selva" ... mas em nós. Tentando navegar pela paisagem de nós mesmas, e nossas conexões. O que é que une nós duas? O que este lugar abre em nós?

Lembrei-me de que quando era pequena uma vespa me picou. Meu pai me disse para pegar [uma pedra](#) que me chamasse a atenção e colocasse no local do ferrão. "Depois que esquentar, coloque de volta exatamente como você a encontrou, para que a cura se complete", me ensinou. Lembro-me de ficar confusa, pensando em como isso pode me ajudar, pedra não é remédio. Eu me perguntei, por que ela tem que ser colocada no mesmo lugar, exatamente como foi encontrada? Mesmo lá minha racionalização assumiu como de costume. Mas a racionalização muitas vezes mexe com a forma como sentimos o mundo. De muitas maneiras, o que sentimos e o que tiramos do mundo não pode ser racionalizado. É uma sensação, uma emoção, um sentimento que desafia qualquer explicação. Nessa tentativa de tradução, de racionalização perdemos tanto que tudo vira [outra coisa](#). Até coisas do tamanho de um urso, ou uma lágrima.

Lembro que nada funcionou tão rápido e completamente como o momento de cura da pequena pedra. A cura é um processo desconhecido e muitas vezes assume a forma de situações e sentimentos inexplicáveis. É um caminho que você toma e tenta confiar nele, deixando ir embora tudo que é conhecido.

E descobrimos que quase tudo o que tínhamos que fazer aqui tinha a ver com isso. Uma forma de questionar o conhecido, saindo de nossas zonas de conforto, de curar. Tínhamos que [exercitar](#) isso. Sem perguntas, sem formulários, sem expectativas de explicações pra satisfazer.

Pegamos o caminho do rio passando, entre a mata e o campo, para tentar exercer essa cura de nós mesmas e da terra da qual nos

tornamos parte. Dar um passo bobo e mágico, tentando ignorar aquela racionalização, tão venerada e controladora. Colocamos as pedras do rio na interseção do campo e da mata, transportando nossos sentimentos e intenções em relação à terra e a nós mesmas. Não temos as soluções e não sabemos a maneira exata como navegar em nossa paisagem interior. Tudo o que podemos fazer é tentar. Então, exercitamos agir, deixando espaço para o que pode vir.

Para onde vamos daqui? [Não sabemos](#), mas tudo bem.



Os resultados e os traços do desconhecido!